

A
MOS
TRA
/25

nowhere

AMOSTRA\25

28.06 \ 26.07.2025

Lab Práticas Artísticas

Orientação geral
de projetos
Luiza Baldan

Orientação em som
Nico Espinoza

Orientação expográfica
Victor Gonçalves

Orientação e
projeto curatorial
Cristiana Tejo

ANDRE COSTAFIGUI
CAROLINA ROCHA
FRANCISCO VALENÇA VAZ
ISABELLA CARVALHO
JOÃO WAGNER DARUICH
MARGARITA
PEDRO MÁIA
RAISSA ANDRADE
TUCA PAOLI



AMOSTRA\25

Cristiana Tejo

Como se faz uma agrofloresta artística? Com tempo, cuidado e diversidade. Plantando diferentes sementes juntas, respeitando os ciclos, deixando crescer o que tem forma e o que ainda está por vir. No NowHere, escolhemos esse caminho lento e denso, em que o processo importa tanto quanto o fruto. AMOSTRA é a colheita visível de um percurso iniciado em outubro de 2024 com o Laboratório de Práticas Artísticas, orientado por Luiza Baldan, com colaborações de Nico Espinoza (som), Victor Gonçalves (expografia) e Cristiana Tejo (curadoria).

Nesta exposição, o que vemos é um território de práticas enraizadas em afetos, histórias e materiais que se entrelaçam. Os trabalhos aqui apresentados não se organizam por semelhança de linguagem, mas por afinidades subterrâneas, como raízes que se tocam sob a terra.

Entre a palavra e o barro, Isabela Carvalho, Raíssa Andrade e Margarita compartilham uma atenção à potência do gesto feminino, do cuidado e da transformação. Em Como Agarrar a Magia, Isabela revisita um antigo livro de feitiços para mulheres, apagando e rescrevendo sentidos, ativando memórias de encantamento e espiritualidade. Raíssa pinta com barro sobre tecido cru formas inspiradas na árvore Paineira, ameaçada de extinção, e apresenta pequenas placas de cerâmica que evocam o corpo feminino, como signos de um cuidado ancestral. Margarita, por sua vez, transforma um vestido escolar católico em armadura íntima: zíperes costurados nos pontos sensíveis do corpo ativam um dispositivo de escolha, proteção e liberdade.

Da cerâmica ao corpo expandido, Francisco Valença Vaz também trabalha a argila, mas a molda com o próprio fôlego. Suas garrafas de barro, deformadas pelo vácuo dos pulmões, carregam palavras como Pátria e Golpe, instaurando uma relação tensa entre respiração, política e memória material. Há um diálogo sutil entre sua prática e a de João Wagner, que constrói com sua mãe, Emí Felix, um diário visual e afetivo feito de pequenos objetos, pinturas e bordados. Ambos exploram diferentes formas de se relacionar com aquilo que consumimos, guardamos, oferecemos – seja um vinho industrial, uma garrafa feita à mão, um mimo, uma relíquia doméstica.

O corpo como presença ambígua, ora revelado, ora encenado, aparece com força nos trabalhos de André Costafigui e Carolina Rocha. André investiga a teatralidade da imagem em pinturas silenciosas, onde o espectador ocupa o lugar

AMOSTRA\25

Cristiana Tejo

do voyeur diante de cenas suspensas entre o íntimo e o encenado. Já Carolina parte da pintura para se mover entre performance, vídeo e fotografia, criando imagens em que a identidade se dissolve em máscaras, vestígios e fragmentos, uma reflexão sobre a impermanência do rosto e da forma.

Pedro Máia costura outra travessia: entre os rastros da Guerra do Paraguai e os encantamentos do cotidiano. Coletando objetos de vilas e cidades marcadas pelo conflito, transforma esses achados em pinturas-estruturas que se montam como cobogós invertidos. Sua prática funde ruína e reconstrução, história e intimidade, um gesto que ecoa, de forma distinta, a colagem afetiva de Tuca Paioli, que revisita a história migratória de seus avós italianos. Imigrar e colar tornam-se, aqui, formas de refazer o mundo com fragmentos de passado e desejo.

A MOSTRA é, assim, um campo cultivado coletivamente. Cada obra carrega o tempo do seu processo, o traço da sua escuta, a força de sua singularidade. Juntas, compõem um território múltiplo, onde a convivência entre diferenças gera abundância. Nada aqui é monocultura: tudo brota da mistura, da troca, do entrelaçamento de vozes e gestos.

AMOSTRA\25

Luiza Baldan

Não são poucas as camadas que atravessam este fim de junho de 2025. Após nove meses de encontros semanais, chegamos à conclusão da 3ª edição do Laboratório de Práticas Artísticas com a tão esperada AMOSTRA, que ficará para sempre marcada como a última exposição no atual espaço do NowHere Lisboa. Com o término do contrato de aluguel e um reajuste de quase 400%, o encerramento deste local torna-se inevitável. Entramos para as estatísticas das associações culturais sem fins lucrativos afetadas pela ausência de políticas públicas em Portugal, assim como aconteceu com a Biblioteca do Vapor, centro comunitário na Cova do Vapor que acolheu o desenvolvimento do meu projeto “Como Olhar Junto” desde meados de 2023.

Também não é possível pensar o NowHere e esta edição da AMOSTRA sem considerar o contexto global da ascensão da extrema-direita e suas implicações nos movimentos migratórios. *Somos todos estrangeiros*, como invocava a última Bienal de Veneza. E para além das microviolências diárias sofridas neste contexto, estamos testemunhando a iminência de uma guerra mundial e o extermínio de vidas humanas, tanto nos conflitos amplamente noticiados quanto naqueles silenciados. Como seguir?

Mas não estamos anestesiados. Diante desse turbilhão de emoções e do desânimo que tantas vezes nos abate, não podemos esquecer que o desespero também é programado. Parte essencial da resistência é justamente fortalecer as comunidades.

Felizmente, o NowHere não termina aqui e percebemos com clareza o quanto somos necessários. Nosso projeto continua em todo e qualquer lugar e, mais do que nunca, se fortalece a cada nova edição de um laboratório de criação. Trocamos lufadas de ar fresco com todos os grupos que chegam, renovando nossas estruturas através dos encontros que nos movem e nos inspiram a seguir adiante. Nada disso é demagogia. Digo isso não apenas como co-gestora do NowHere e orientadora do LPA, mas como artista atuante que enfrenta as angústias e os prazeres de atravessar processos criativos nas mais diversas e por vezes severas circunstâncias. O momento ideal não existe.

Então, cá estamos, culminando mais um ciclo. Agradeço sempre a todas as pessoas que partilham seus processos e que acreditam que fazer coletivamente sempre vale a pena.

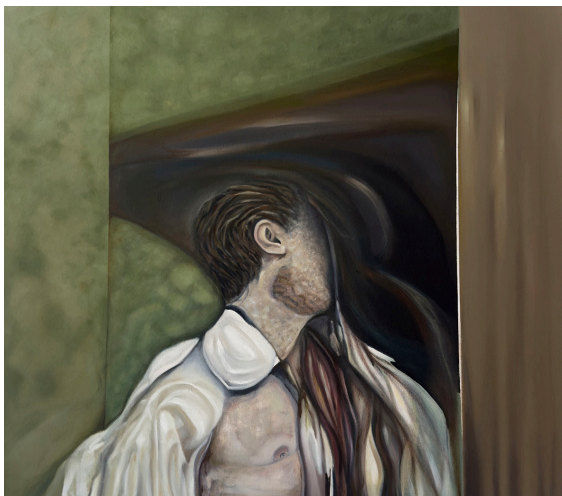
**ANDRE
COSTAFIGUI**

Flesh Mise
2025

Série de 8 pinturas
Óleo s/ tela
Medidas variadas

Uma investigação do corpo como dispositivo narrativo e teatral. Cada pintura convoca o espectador à posição de voyeur diante de um teatro de subjetividades fragmentadas, na ambiguidade entre presença e apagamento, entre visível e invisível, entre corpo exposto e corpo recusado.

(Curitiba, BR) é artista visual, vive e trabalha em Lisboa desde 2022. Sua pintura investiga a presença e ausência do corpo como eixo poético e compositivo. Interessado pela teatralidade da imagem e pelo silêncio como forma de encenação, constrói cenas suspensas entre o íntimo e o espaço construído, entre a figura e o vazio. Com formação em artes visuais e pós-graduação em história da arte contemporânea, desenvolve um trabalho marcado por atmosferas densas, luz escultórica e uma tensão constante entre o que se mostra e o que se recusa.



**CAROLINA
ROCHA**

O Plácido
Corpo suspenso 1#
2025

1. Vídeo, cor, som
6'17"
2. Emulsão fotográfica
e tinta de membrana
plástica sobre madeira
20 x 15 cm

Ambos os trabalhos fazem uma reflexão relativamente à identidade como uma construção instável, onde a forma é impermanente e o fragmento transforma-se num testemunho.

(Iha Terceira, PT, 1987)
Terminou a licenciatura
e o mestrado em Artes
Plásticas, em 2013, na
ESAD, nas Caldas da
Rainha. Em 2023 concluiu
uma formação como
artista residente da
escola de arte a Base.
Ganhou vários concursos,
nomeadamente o "Peac
2017 – Portuguese
Emerging Catalogue
e foi selecionada para
a exposição "Prémio
Internacional de Pintura
da Fundação Focus
Abengoa", em Sevilha.
Expõe desde 2010 e está
representada em várias
coleções particulares e
públicas.



Corpo suspenso 1#

**FRANCISCO
VALENÇA
VAZ**

algo decente
2025

Barro, cortiça, plástico,
cápsulas e garrafas de
vinho

Medidas variáveis
(aprox. 65 x 25 x 20cm)

Duas garrafas de vinho industrial, chamadas Pátria e Golpe, sustentam garrafas de barro deformadas pelo sopro do artista, criando um vácuo que conserva a performance das palavras moldadas pelo ar dos pulmões. No topo, uma cópia da cabeça do artista isola o ar interno do externo.

(Recife, BR, 1996)

Explora as interseções entre o corpo humano e sua desmaterialização. Seus trabalhos investigam precariedades no contexto da estética comercial e em objetos migratórios. Valença Vaz é atualmente doutorando em Filosofia na Academia de Belas Artes de Viena e sommelier.



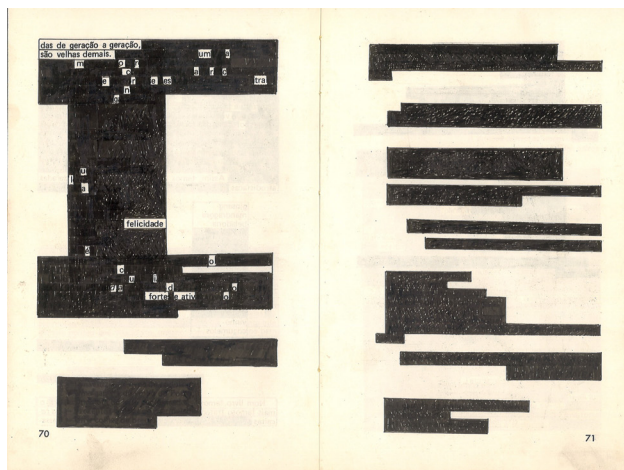
**ISABELLA
CARVALHO**

Como Agarrar a Magia
2025

Instalação / vídeo em
loop e livro rasurado
(21 x 14 x 1cm)

O livro “Como Agarrar Seu Homem Pela Magia”,
é um manual de feitiços voltado para mulheres.
No trabalho, ele é ressignificado por meio de rasuras
que apagam o texto original, criando novas men-
sagens por subtração e subvertendo o título para
“Como Agarrar a Magia “

(Barra do Pirai, BR, 1964)
é artista visual. Vive e
trabalha em São Paulo.
Formada em Matemática
(1986), pós-graduada em
Práticas Artísticas Con-
temporâneas (2023) pela
FAAP, e estudou desenho
da figura humana na So-
ciedade Nacional de Belas
Artes (SNBA-Lisboa) e
posteriormente na Ar.Co.
A partir de 2021, expande
sua prática passando a
incluir a foto-performan-
ce. Seu trabalho já foi
exposto na Galeria Perve
(Lisboa), no Salão Ange-
lim (Universidade Regional
de Blumenau, RS) e na XII
Mostra de Performance
(Salvador-BA), entre ou-
tros espaços e eventos.



**JOÃO
WAGNER
DARUICH**

Nosso sagrado
2025

Instalação / tinta para silk
screen em algodão cru,
assemblagem, bordado

O trabalho nasce do desejo de contar a própria história a partir da origem materna, em homenagem a quem abre caminhos. Junto das mãos da mãe, Emí Félix, tornou-se uma troca afetiva: objetos viraram símbolos de vida, e pinturas e bordados, memórias compartilhadas do amor e das raízes que os unem.

(Mairiporã, BR, 1985)
Formado em Desenho
e Plástica, Mestre em
Museologia e Doutorando
em Sociomuseologia.
Lecionou Artes na
rede pública de São
Paulo, de 2005 a 2017.
Participou de salões
de Artes Plásticas no
interior de São Paulo
recebendo algumas
premiações. Em Portugal
trabalhou em redes de
acolhimento e proteção
de crianças e jovens. Em
2024, em parceria com
o Museu de Sesimbra e
o Grêmio Sesimbrense,
realizou uma exposição
individual no âmbito das
comemorações do 25
de Abril proporcionando
debates sobre gênero
e sexualidade para a
população. Vive e trabalha
no Barreiro.



MARGARITA

Dispositivo anti-modéstia/anti-elogio
2025

Vestido, fechos.
Saia: 112 x 80cm
Blusa: 112 x 28cm

Um vestido azul, como os uniformes escolares católicos da Cidade da Guatemala, é costurado com fechos nas partes que cobrem zonas do corpo a proteger, não só dos olhares da rua, mas também da vergonha de ser recatada, permitindo decidir quando abri-los ou fechá-los.

(Guatemala, 1990)
Artista visual, atualmente a estudar Filosofia. Abordou temas como o machismo, o sexo na cultura, canções e filmes, e temas mais pessoais como a nostalgia de viver e depois sair de casa, ou de se despedir de alguém querido. Utilizou técnicas tradicionais como a pintura, a gravura e o desenho, bem como o GIF, o texto, a instalação e a performance, estando agora a trabalhar na sua segunda curta-metragem *I Almost Had Cake*.



**PEDRO
MÁIA**

Sem título (Pontos)

pf, pa
2025

1. Óleo, glitter e cola
s/ tela
11,7 x 15,3 x 4,3cm
2. Técnica mista
27,1 x 38 cm

Os trabalhos propõem a geometria e a temporalidade de formas radicalmente opostas, através da colagem e da pintura, do cotidiano e do infinito.

(Campo Grande, BR, 1983) Artista multidisciplinar que trabalha com apropriação e pintura, reunindo objetos encontrados em diferentes cidades, vilas e aldeias. Se dedica também ao estudo da geomancia e de outros saberes não-ocidentais. Seu trabalho já foi exibido em instituições como o MAB-FAAP, MuBE, Galeria Emma Thomas, Desapê e OASIS. Atualmente é um artista residente no Hangar (Lisboa). Vive e trabalha em São Paulo.



Sem título (Pontos)

**RAISSA
ANDRADE**

Barriguda
Sem título
2025

1. Pintura em barro
s/ tecido de algodão cru
160 x 110cm
2. Argila terracota e pó
xadrez vermelho
Medidas variáveis

Formas inspiradas em fotografias de árvores Paineiras, uma espécie ameaçada de extinção, que, para se manter estável e intacta ao ser transplantada, precisa ser amarrada pelo “pescoço”. Já as placas em cerâmica remetem à memória, a ancestralidade da artista e a poderosa união feminina.

(Belo Horizonte, BR, 1976)
Bacharel em artes visuais
pela Escola de Belas
Artes da UFMG, 2006.
Participou de várias
exposições coletivas e
individual entre 2002
e 2024. A natureza,
memórias e questões em
torno do feminino e dos
corpos vulnerabilizados
são temas recorrentes na
sua pesquisa artística.



Barriguda

**TUCA
PAOLI**

Álbum de família
2025

Série de colagens
analógicas c/ fotos de
arquivo

O trabalho parte da migração dos avós italianos para explorar deslocamentos, memórias e afetos. A colagem, como técnica e metáfora, traduz a reconstrução diante das rupturas. Sobrepondo tempos e territórios, a artista refaz um caminho de pertencimento que ecoa o dos avós.

(São Paulo, BR, 1974)
Artista visual que transita entre fotografia, colagem analógica e vídeo pelos territórios da memória. Seu trabalho aborda ausências, deslocamentos e identidade fragmentada. Em Berlim, apresentou duas individuais: uma sobre a Amazônia e outra com colagens pandêmicas; participou também de uma coletiva no Berlin Art Institute. Em Lisboa, suas colagens sobre exílio e imigração foram exibidas na Casa do Comum. Nasceu em São Paulo, viveu de 2010 a 2022 na Alemanha e desde 2022 está em Lisboa, onde tem seu ateliê.



